

Raul Moreira  
 Especial para o Correio  
 Com redação

Os números são alarmantes. Das pouco mais de cinco mil línguas catalogadas no mundo, metade pode desaparecer nos próximos 100 anos. Acuadas pela internacionalização do inglês e pelas políticas de colonização nos séculos passados, as chamadas línguas nativas pedem socorro.

Para se ter uma idéia, segundo cálculos da Unesco e de pesquisadores autônomos, a cada 15 dias morre uma língua. O perigo de um idioma desaparecer se manifesta no momento em que ele é utilizado apenas pelos velhos. "Se a língua não é passada às crianças, ela morre com os mais idosos, últimos falantes", conta a doutora em lingüística Stella Maris Bortoni.

O início do fim se manifesta a partir do momento em que uma determinada comunidade percebe que não existe sentido em ensinar a uma criança as palavras dos pais porque elas não representam a língua em que ela poderá obter trabalho, integração e dignidade.

O melhor exemplo de tal lógica vem da África. Hoje, para que os jovens possam ter alguma chance no mercado de trabalho, é fundamental falar inglês, língua oficial em 20 países do continente. A situação chegou a tal ponto que em países onde o candidato não fala a língua dos ex-colonizadores, a exemplo também do francês, fica impedido de eleger-se no parlamento local.

Mas nem sempre uma língua desaparece por obra e reflexo da colonização branca. No Quênia, os pesquisadores surpreenderam-se ao descobrir que, em assembleia pública, a tribo dos Yaaku resolveu abandonar o próprio idioma para utilizar aquele falado pelos vizinhos mais prósperos, os Masai.

**INDÍGENAS**

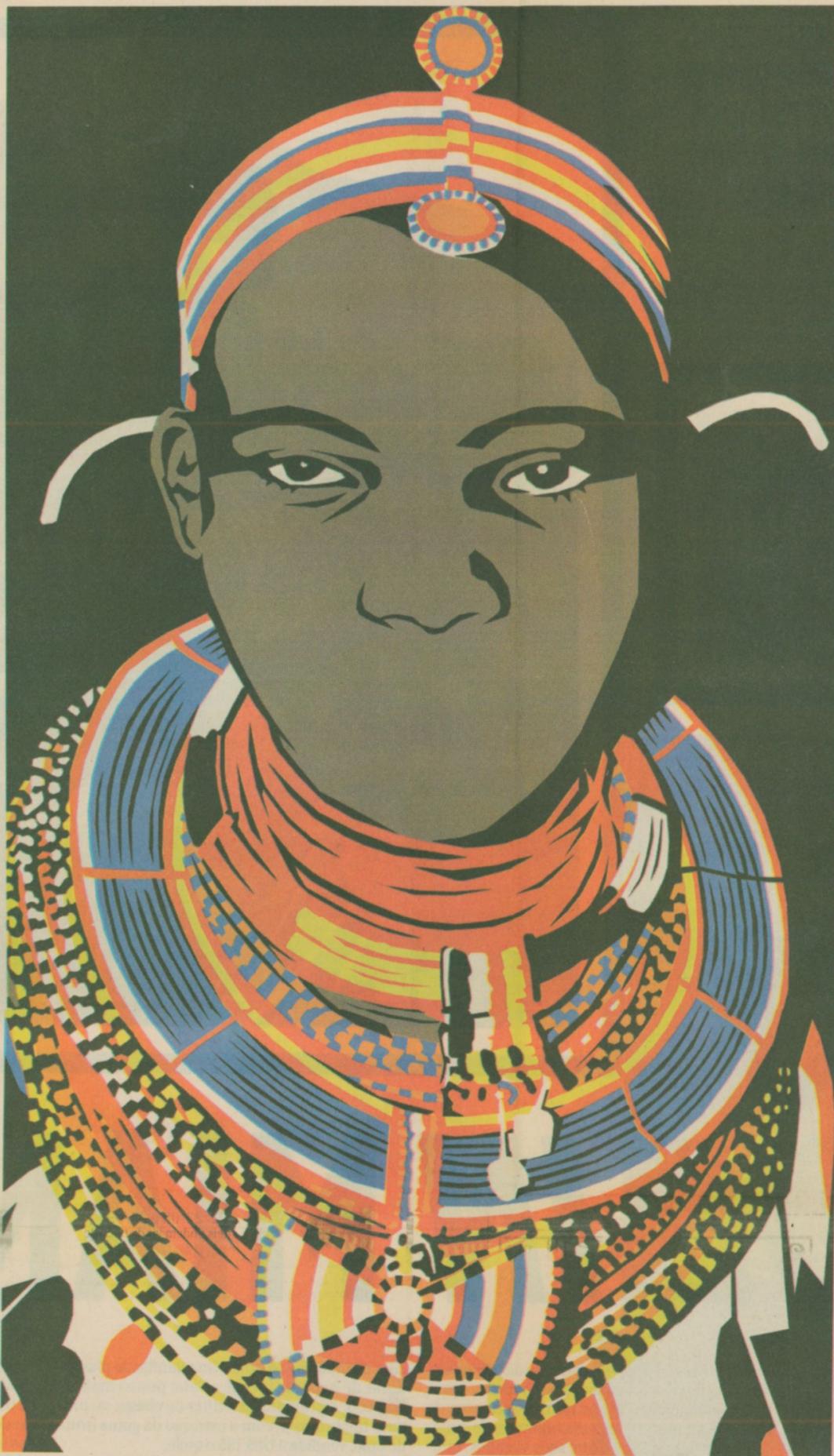
Nos Estados Unidos, onde hoje contam-se pouco mais de 100 línguas indígenas, contra as várias centenas existentes antes da chegada dos colonizadores, os jovens nativos querem falar apenas inglês. Ao norte, a língua dos esquimós também corre sério risco de desaparecer. Apesar de uma certa distância física dos colonizadores, a presença da televisão acabou minando o falar local.

No Brasil, o problema não é diferente. De acordo com o coordenador do Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, Aryon Dall'Igna Rodrigues, as línguas estão em constante processo de desaparecimento. "Mesmo as mais faladas sofrem fortes pressões dos diversos setores da sociedade majoritária que as vêem como empecilho para a integração ou domesticação da minoria", explica Aryon.

Segundo ele, de 1500, ano em que oficialmente os portugueses desembarcaram, até hoje, desapareceram 85% dos idiomas indígenas, que correspondem à morte de 995 línguas. Hoje, restam apenas 180 e a mais disseminada é a *Tikúna*, que alcança apenas 20 mil falantes em tribos do Alto do Solimões, na Amazônia.

Assim como há a morte de uma língua, também é possível ressuscitá-la ou preservá-la. Basta que ela seja falada novamente para ser considerada viva. A professora da UnB Stella Maris cita o grego e o turco moderno como exemplos de línguas revitalizadas. "Elas foram resgatadas da forma clássica para dar identidade e fidelidade à cultura desses povos", acrescenta.

Segundo o francês Claude Hagège, um dos grandes pesquisadores do assunto e que lançou recentemente *Morte e Renascita delle Lingue. Diversità Linguistica come Patrimonio del L'umanità*, é importante preservar a língua, pois cada idioma carrega consigo um modo particular de pensar de um determinado



Arte: Gabriel Góes

# SALVEM AS LÍNGUAS NATIVAS!

ALERTA

A cada 15 dias, um idioma desaparece no planeta. No Brasil, quase mil línguas indígenas foram extintas nos últimos séculos. Pesquisadores reclamam do descaso dos governos

## SITUAÇÃO NO MUNDO

**EUROPA**

Correm risco as línguas célticas das ilhas britânicas da Irlanda, além de algumas na ex-União Soviética e na Sibéria. Estão ameaçados os dialetos italianos e suíços, além dos idiomas ciganos.

**ÁFRICA**

Correm risco as línguas dos grupos Koisian e Boscimano. Com a afirmação das línguas oficiais (inglês, francês e português), muitos africanos estão perdendo o contato com as antigas línguas locais.

**ÁSIA**

Na China, as línguas Sinkiang e Yumman correm o risco de extinção. A língua mongol do Afeganistão também está ameaçada. Nos arquipélagos, como Japão e Filipinas, as línguas minoritárias estão desaparecendo.

**AMÉRICAS**

A norte, línguas dos esquimós estão ameaçadas. As línguas indígenas do centro e do sul do continente também.

**NÚMERO DE LÍNGUAS EM ALGUNS PAÍSES**

Papua Nova Guiné	— 850
Indonésia	— 670
Nigéria	— 440
Índia	— 380
Camarões	— 228
México	— 240
Congo	— 210
Austrália	— 200
Brasil	— 180

grupo. "Imagens, sons, cores, perfumes, emoções, sensações, medos pertencem a uma língua e, mesmo bem traduzidos, não refletem suas particularidades e riquezas", diz. "Apesar dos apelos que fazemos regularmente, os governos continuam passando por cima do problema, como passam por cima da fome, da Aids, da guerra", denuncia Hagège.

Hoje, são poucos os governos que se esforçam para preservar as línguas nativas. Na Austrália, país onde a colonização inglesa fez desaparecer 150 das 350 línguas aborígenes, o governo local, reconhecendo a sua culpa, está desenvolvendo uma política multicultural visando à recuperação da identidade étnica. Ao contrário do passado, as crianças aborígenes são educadas com base no bilingüismo.

Atualmente, a língua mais falada do mundo é o mandarim, utilizado por 730 milhões de chineses. Depois, vem o inglês, falado por 430 milhões. Das pouco mais de 5 mil línguas catalogadas, 600 são faladas por populações de mais de 100 pessoas, enquanto 500 por grupos de menos de 100 indivíduos. Por fim, 90% dos idiomas do planeta é falado por 5% da população. Incluem-se nesta contagem os dialetos, que, diferentemente das línguas, não passaram por processo de padronização (criação de dicionários e gramáticas) e não têm tradição literária.

Apesar das transformações impostas pelas antigas e novas políticas de colonização, um inimigo ainda mais implacável poderá destruir os idiomas: a globalização. Sem fronteiras, a nova ideologia leva a língua inglesa a todos os segmentos da comunicação — cinema, TV, Internet, jogos eletrônicos — e do comércio, inclusive com o fator agravante de que a maioria dos consumidores é formada por crianças.

O resultado é que as projeções apontam que, em uma ou duas gerações, as crianças envolvidas pela nova onda de modernidade serão indiretamente responsáveis pela eliminação de tradições que foram construídas durante milênios. Para piorar a situação, profetiza-se que, antes da assimilação e padronização da nova cultura dominante, ocorrerá longa fase de vazio e barbárie social.